

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistador: Marcelo Ricioli²

Entrevistado: Isabela Motta³

São Paulo, 25 de junho de 2021.

Duração: 16 minutos

Realizada na plataforma Google Meets

Marcelo: Isabella, podemos começar então mais formalmente? Então eu vou começar. Eu tenho um questionário que eu fiz – pequeno, é curto. Acho que tudo leva mais ou menos uns 15 minutos. E eu vou te fazendo as perguntas e você – você quer deixar a câmera aberta?

Isabela: Não, não, é que acabou fechando aqui, porque a internet [inaudível]

Marcelo: Ah, tá! A minha também hoje está horrível, não sei o que aconteceu. Eu não estou conseguindo conectar no Meet pelo wifi. Não sei por quê. Eu estou no 4G agora, porque não foi. Não sei por quê.

Então vamos lá, vamos começar do começo. A primeira pergunta vai ser a seguinte: como você se chama?

Isabela: Eu me chamo Isabela Motta.

Marcelo: E como você gosta que te chamem?

Isabela: Depende da pessoa, porque...

Marcelo: Pra mim, por exemplo.

Isabela: Se for uma pessoa que eu conheço, uma pessoa da minha família, aí ela pode

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

² aluno do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

³ aluna da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na data da entrevista estava com 11 anos

me chamar do jeito que ela quiser. Mas se for tipo uma amiga minha, ela pode me chamar de Isa, de Isa Motta, de Isabela Motta, de Isabela. Depende dos apelidos que as pessoas vão me dando.

Marcelo: Entendi. Quantos anos você tem, Isa?

Isabela: Eu tenho 11 anos; eu vou fazer 12 anos no final deste ano, em dezembro.

Marcelo: Pra você Isa, existe diferença entre brinquedo e brincadeira?

Isabela: Não.

Marcelo: Então qual é o brinquedo que você mais gosta?

Isabela: É... o brinquedo que eu mais gosto também depende do tempo, né? Porque eu tenho muito brinquedo na minha casa e quando eu era pequenininha – eu tinha uns 5 anos, 6 anos – eu brincava de uma coisa que agora na minha casa está lá, né? Está lá, no armário, que eu nem brinco mais. Então depende um pouco da época. Mas, no momento, eu acho que o que eu estou brincando mais, tipo, de brinquedo que eu brinco mais aqui na minha casa, seria as bonecas Barbies, que são aquelas bonecas de plástico. Eu acho que é o brinquedo que eu mais brinco porque eu posso fazer um diálogo entre uma pessoa e outra pessoa. Então ajuda um pouco o diálogo nesse momento tão difícil de pandemia.

Marcelo: Concordo. E qual é o brinquedo que está no armário, que você ficava mais antes. Eu fiquei curioso.

Isabela: Bom, está lá no armário, é aqueles... é aquelas bonecas tipo, é... aquelas bonecas grandes *baby alive*, que eu acho que era aquelas bonecas – eu não brinco mais delas, eu brincava bastante de escolinha e etc., mas agora eu não brinco mais. Está guardada lá, eu não brinco.

Marcelo: Entendi. Quando você brincava de escolinha você era a professora?

Isabela: Depende, tipo, depende da hora do... da hora não, de como eu estava, quando eu estava meio feliz eu fazia uma pessoa ser, quando eu não estava é... eu, eu

ia. Aí depois eu tinha a sala de TV e eu lavava todo mundo lá e

3

falava, tipo, cinema e aí eu fazia tipo um Cinemark com as bonecas. Mas, assim, foi a parte que eu mais lembro, mas foi de uma parte que eu levei todo mundo pro quarto dos meus pais – todas as bonecas estavam lá – e fiz um Cinemark [risos] lá com as bonecas e assim foi muito divertido.

Marcelo: Muito bom, gostei da ideia! Então você... me diz qual é a... então agora a brincadeira que você mais gosta.

Isabela: A brincadeira que eu mais gosto, tipo, neste momento, eu acho que não é considerado [risos] uma brincadeira mas eu gosto demais de jogar xadrez, de jogar dominó, tal, esses jogos que mais... que ajudam a mente. Então, tipo, jogos assim, aquelas revistas que têm cruzadas, que têm dominó, eu gosto de jogos pensativos, que ajudam pensar mesmo, né? E o melhor, a melhor brincadeira mesmo [risos] é, tipo, brinco hoje em dia [risos] seria... deixa eu lembrar aqui... eu brinco [risos] – nossa! é que essa brincadeira é tão ridícula! [inaudível] – desculpa. Assim, acho que a brincadeira que eu, tipo, brinco agora... eu não brinco mais de pular corda mas eu gostava bastante de brincar de pular corda, né? E acho que desenhar, fazer uns negócios mais artísticos, né? Foi uma parte que eu gostei mais assim foi na hora disso.

Marcelo: Entendi. Mas qual que é a parte ridícula, que eu não entendi. Eu não achei nada ridículo o que você falou mas... não entendi.

Isabela: Não, é porque, assim: eu desenho, eu desenho super mal, e aí, tipo, eu falo "olha o que eu fiz", né? E eu acho que está super bonito; aí eu mostro, tal, aí a pessoa olha assim com uma cara estranha. Aí quando eu vou ver eu... a cabeça do personagem que eu desenhei é maior do que o próprio corpo do personagem. Então eu parei agora [risos], eu estou parando, mas aí eu continuo, tal. E a professora ainda pede pra mim desenhar. Então eu falo "nossa! eu não acredito nisso", mas é meio isso, porque eu sempre quis desenhar uma história em quadrinhos, então eu fico desenhando aleatoriamente, só que nunca dá certos as histórias, eu não consigo fazer o balãozinho, nunca consigo.

Marcelo: Entendi. Depois eu vou te falar sobre isso. História em quadrinho, né? Depois eu vou te falar mais, ou uma opinião que eu tenho sobre isso. Depois, no fim. Eu gostei das brincadeiras que você inventa, que você gosta; eu achei interessante. Você prefere – você falou em jogos, né? Xadrez, dominó, pular-corda, coisas assim. Você prefere jogos individuais ou jogos que se joga em dupla ou grupo?

Isabela: Eu não sou muito boa em trabalhar em grupo, então essa parte de jogar em grupo eu até gosto mas é meio chato, né? Porque eu tenho até baralho pra jogar rouba-monte; eu e minha família a gente sempre jogavam bastante, né? Nós somos em 3, então a brincadeira era de 3 pessoas, né? E, tipo, era tipo um grupo, só que essa parte de jogar assim com mais de duas pessoas eu já não gosto muito porque fica aquilo: eu perco e ao mesmo tempo outra pessoa perde e a outra pessoa que ganha, que é a terceira, fica fazendo o maior auê que ganhou. Então é uma parte que eu não gosto, porque jogos dupla eu acho que eu me saio muito melhor do que os jogos de grupos, né? Tipo, pega-pega eu até me saio bem, tal, essas brincadeira em grupo, mas eu prefiro jogo individual e em dupla.

Marcelo: E você prefere jogos presenciais ou jogos virtuais, online?

Isabela: Nunca joguei online. É uma coisa que eu nunca joguei online, assim, eu... o mais próximo de jogo online que eu tive, assim, com a pessoa, com pessoas que eu não conheço, assim, seria um jogo que tem no meu celular, assim, né, que eu também jogava com umas pessoas é... os colegas de turma de uma outra escola que eu frequento, uma escola bilí... uma escola de outra língua; essas pessoas falaram pra mim instalar, só pra gente jogar em grupo. Então, assim eu jogava lá em grupo e era tipo, era um jogo que eu gostava bastante. Mas presencial não se compara a jogo online, né? Jogo online é um celular, é uma tela e presencial eu acho que é muito mais divertido, eu gosto mais de presencial do que assim, né, pelo computador, porque tem vários outros jogos tal, e o máximo de jogo que eu joguei online seria o "Gartic", gartic.com, né, com a minha outra escola de línguas e também um outro jogo, "Spots", um negócio assim, de jogo de *stop* online. Mas foi o máximo também, assim, de jogos online. Mas nunca dava pra interagir muito, porque era um jogo que não é igual a vida real. Se for fazer um jogo de *stop* em vida real já é mais diferente, né? Eu sempre quis voltar, agora esse ano eu estou... eu estou bem pensando que vai voltar, eu estou bem assim, e tomara que volte, porque sempre jogar com outras pessoas, né, na frente, tal, acho que é melhor do que jogar

olhando pra uma tela.

Marcelo: Sim, concordo. O Gartic, eu adoro o Gartic. É muito... quer dizer, dos jogos online, né, que é limitado, como você falou, mas eu acho o Gartic muito legal. Até porque a graça do Gartic é desenhar mal, né? [risos]

Isabela: É.

Marcelo: É [risos].

Isabela: É um pouco isso.

Marcelo: É tosco, né?

Isabela: Teve uma vez que eu tinha que desenhar acho que eu peixe-âncora, um negócio âncora-peixe, alguma coisa assim, e eu não sabia o que que era. Aí eu desenhei um peixe, coloquei um sinal de mais e coloquei uma âncora [risos]. E as pessoas não sabiam o que que era, a minha âncora não parecia uma âncora, eu tinha esquecido como fazia uma âncora, aí na hora lá eu lembrei, eu tive que rabiscar tudo [inaudível]. Ficou feia, eu não consegui fazer nada.

Marcelo: Você... agora você falou uma coisa e me veio uma pergunta. Você já criou um brinquedo ou inventou uma brincadeira, que você mesma inventou, criou?

Isabela: Um hum! Eu já... brinquedo, deixa eu lembrar... ah! Brinquedo eu já criei, já. Eu já criei um brinquedo, já criei uma brincadeira. Pelo que eu estou lembrando aqui... é, eu já criei! O primeiro brinquedo que eu criei, assim, mesmo, foi lá na Aplicação mesmo, na Escola de Aplicação, que faz muito tempo também, né? Acho que em 2019, 2018, que estava, acho que era uma festa que estava tendo e era uma moça que estava lá, mãe de algum aluno, que ela estava com vários panos assim [mostra uma folha de papel para representar o tamanho do pano a que se refere], da cor preta, e ela falava que a gente podia criar um monte de coisa com aquele pano, né? Podia criar bola com aquele pano, podia criar boneca, podia criar o que quisesse, né? Aí eu criei acho que umas 3 bonequinhas de pano, assim. Coloquei roupinha, tal. Então foi o primeiro brinquedo que eu consegui criar. A brincadeira, a primeira brincadeira que eu consegui

criar foi uma brincadeira muito complexa e todo mundo não gostou, que eu falei da brincadeira e todo mundo falou "nossa! essa brincadeira é muito complexa". Aí eu comecei a criar outros tipos de brincadeira. Aí, acho que a brincadeira que deu certo mesmo foi pegar um mico, lá daquele carteadado "Mico" e fazer um jogo da memória com ele, que ninguém tinha pensado nisso. Todo mundo achava que era só... que o mico era só pra jogar mico mesmo, com a s cartas assim, pegando carta, tal [toca um telefone na sala e ouve-se uma voz de mulher adulta atendendo]. Mas eu acabei criando um jogo da memória com ele. E todo mundo gostou, pelo que eu me lembro, na época.

Marcelo: Que legal! E como que você mais gasta seu tempo? No quê, hoje?

Isabela: Hoje, peraí. Desculpa, eu tive que espirrar aqui [risos], que a minha cachorra [inaudível]. Então, acho que... você pode repetir a pergunta, por favor? Eu esqueci.

Marcelo: Como que... no que que você mais gasta seu tempo hoje? O que que você passa mais tempo fazendo?

Isabela: Acho que no dia-a-dia eu passo bastante tempo... Bom, primeira mente, que acho que é tipo óbvio que eu passo mais tempo no computador, no celular, tal. Porque rede social eu não tenho muito; a única coisa de rede social próxima pra mim é o Spot... não, não é Spotify, é Snapchat. Então o Snapchat é tipo uma das redes sociais que eu uso. O resto eu não uso muito. Mas principalmente na internet eu gasto mais o meu tempo, mas eu também gasto tempo com outras coisas: eu gasto tempo com minha família, eu também gasto tempo com a minha cachorra, porque ela reclama, né, eu passo tempo com ela, eu vou pro meu quarto pra ficar com meu computador e ela começa morder minha mão, tipo "continua aqui, fica comigo" tal, e eu fico [latido da cachorra] olha! ela está latindo agora né, que ela quer... aí, assim, ela gosta bastante que eu fico com ela, mas eu não tenho muito tempo por causa das atividades que eu tenho pra fazer e tal. Mas a outra coisa também que eu gasto muito tempo: ficar secando a louça depois do almoço, né, que é uma tarefa que eu tenho que fazer aqui em casa. Todo mundo ajuda aqui em casa. A outra coisa é dobrar roupa também, que eu dobro na maioria das vezes quando... aquelas tipo dobrar meia, dobrar camiseta, tal, quando a minha mãe passa. E também tem algumas outras camisetas que não precisa passar né, que são camisetas – agora eu esqueci o nome delas – e calças também – que eu agora esqueci – que não

precisa passar, aí eu mesma dobro assim e tal, tenho que dobrar. Várias coisas; eu ajudo nos deveres de casa aqui né, nas tarefas de casa e também ajudo... ajudo não... eu também passo algum tempo raciocinando a minha mente, fazendo cruzadas ou dominox, que eu adoro dominox, acho muito legal. E também lendo livro, que aqui eu tenho muito livro, muito livro. Eu tenho As bruxas, James e o pêssego gigante, Matilde, A fantástica fábrica de chocolate, entre outros. Tipo, gibi é uma coisa que eu adoro, né? Eu tenho gibi do Tio Patinhas e a coroa perdida de Gengis Khan que eu comprei numa livraria aqui perto. Também tenho outros, tipo Pé na estrada com Mickey e Pateta em quadrinho. Então eu acho que, na maioria das vezes, eu passo meu tempo raciocinando também, né, tipo aqueles almanacão da Turma da Mônica, que têm tanto história quanto as atividades. Então, meu pai sempre fala que eu tenho que mais estimular meu cérebro, então é o que eu mais gosto de... o que eu estou fazendo mais aqui é estimulando ele.

Marcelo: Incrível! Eu também adoro isso aí que você gosta. Você está falando e eu estou pensando também as mesmas coisas. Inclusive depois eu quero te falar de um jeito de dobrar camisetas que pode te ajudar, eu aprendi na internet.

Isabela: Eu acho que eu sei todos os jeitos.

Marcelo: Tem uns... você já viu um que pega a camiseta com uma braço assim [demonstra com as mãos] e faz assim e ela fica dobrada?

Isabela: É que assim, né, como eu dobro às vezes... eu só dobro tipo as minhas, né? Porque da minha mãe os tecidos machucam minha mão, porque passa assim e raspa, às vezes machuca; do meu pai, também não gosto muito do tecido do meu pai. Então eu só dobro as minhas, né? Mas o resto: meia, tal, eu faço de todo mundo. Assim, eu tive... pra mim dobrar uma camiseta, eu não sabia no início. Aí eu tive que pesquisar no Youtube. Eu acho que eu fiquei algumas semanas pesquisando. Eu acho que eu sei todo tipo, todo tipo de dobrar camiseta eu sei. Também porque minha vó também me ensinou um dos anos de 1970, uns negócios muito antigos. Então eu acho que eu sei todos já.

Marcelo: Muito bom. Por que que você vai pra escola? Você vai pra 2 escolas, né? Você falou...Por que você vai pra escola?

Isabela: Isso. Eu vou pra uma de 2 vezes por semana. Bom, eu vou pra escola, primeiramente eu quero ser alguém no futuro, porque não adianta você ir sem ser ninguém. Mas eu quero ser uma pessoa que tenho futuro, meu maior sonho sempre foi esse, sempre. Ter minha casa, tal, ficar lá, falar assim "não, aqui é a minha casa", porque quando eu estou aqui eu falo "espera aí: mas eu não quero fazer isso, tal"; aí meus pais falam assim "não, espera aí: você está morando aqui, esta casa aqui não é sua, então..." Eu vou pra escola mesmo pra aprender, pra ser uma pessoa no futuro, pra ser uma pessoa que possa comprar e falar que é dela mesmo: "não, esse aqui é o meu dinheiro, essa aqui é as minhas coisas, são as minhas coisas". Então eu acredito que é por isso que vou pra escola toda hora: pra ser alguém no futuro e ainda também, acho que a maioria das pessoas entrevistadas falaram: pra ver os amigos também, né? Porque na escola você não é só alguém no futuro, mas ao mesmo tempo você cria amizades lá que você não esquece, você leva pra vida toda. Então são as 2 coisas que eu acho que eu levo bastante. [latidos de cachorro]

Marcelo: Pode deixar aberto [o microfone], eu gosto de ouvir ela [a cachorra] falando. E ela é carente, né?

Isabela: É, então. É por isso mesmo, ela fica latindo, rosnando.

Marcelo: Mas a vida é assim mesmo. Deixa eu te perguntar uma coisa: dessas quatro coisas aqui quais você sabe fazer? [mostra uma cartela onde há escrito: "desenhar; pintar; construir formas; contar histórias"]

Isabela: Bom, eu já falei que desenhar eu sou meio ruinzinha, mas eu gosto também, né? Pintar: eu lembro que tinha uma época que eu tinha – acho que o ano passado, que como eu estava em casa, eu tinha as canetinhas tudo estragando, tal. Aí eu resolvi fazer alguma coisa, né. E aí eu pegava os desenhos da internet. Sabe aquela boneca Lol? Eu pegava eles na internet e... pra pintar. Aí imprimia na impressora, tal, e aí eu pintava, então. Com canetinha; eu contornava, tal, só que eu... assim, meu maior sonho é fazer um desenho bonito que eu posso falar: "esse é meu" [com ênfase]. Mas eu não consegui, então, esses de só contornar e pintar assim, eu não podia falar que era meu, porque estava, tipo, na cara que não era meu. E assim, acho que...qual que era a 3ª opção, que eu não lembro agora? [a cartela é novamente exibida] Eu desenho, pinto, construir formas e contar histórias? Eu vou pegar a última que é mais fácil. Contar

histórias: eu tinha uns livros curtos, que eu conseguia ler em um dia, tipo umas 50 páginas, 55 páginas, um negócio assim; 40 páginas, mais ou menos. É. Aí eu pegava e contava – quando eu era pequena – eu contava pros bonecos, né, que eu colocava lá na cama, eu jogava lá e colocava... contava a história pra eles. Mas, assim, eu conto histórias ainda. Eu lembro que teve um dia que me pediram pra eu inventar uma história, que eu tive que contar uma história [risos]. Conteí uma história surreal, né, porque era uma história totalmente surreal. Então, eu curto muito contar histórias, pintar, desenhar, agora, construir formas... eu digo que construir formas é tipo, é um pouco mais ligado à geometria, uma coisa que eu gosto bastante, por ser ligada bastante à matemática. Então eu acho que construir formas é uma coisa muito legal. E eu tive que aprender a construir forma geométricas, tipo cubo, tal, pirâmide...

Marcelo: Mas isso no papel, né?

Isabela: Isso, só no papel.

Marcelo: E construir coisas tipo 3D, sabe? Tipo lego, massinha, argila, essas coisas. Você sabe fazer? (Ou gosta)

Isabela: Nossa! Eu sei que eu gosto muito de mexer com a massinha, pra construir, tal. Só que agora eu não mexo muito com a massinha por causa da minha cachorra, né? Só que aí um dia minha mãe voltou de um lugar, de um, de um, de um mercado com o meu pai, aí eu chego e ela falou assim: "olha o que trouxe pra você!". Eu falei: "deve ser alguma coisa". Aí ela trouxe um pote deste tamanho [mostra o tamanho com as mãos] de massinha, assim ó. Aí eu falei [risos]: "o que que é..." E assim, eu não brincava muito de massinha, tal, mas agora eu ainda brinco com aquela massinha. Eu construía várias formas com ela, né? Teve um dia que eu construí uma borracha, construí um lápis, construía isso, tal. Lego: eu adoro, tipo, eu tenho a coleção daquelas *Friends*, né? Acho que um terço, um terço daquele, daquele Lego, né? Porque eu tenho quase a coleção inteira, né? Eu tenho também um outro que não é o – não: é o *Friends*, só que aprimorado, que eles aprimoraram o Lego. Então... eu nunca mexi com argila também, mas eu gosto bastante de Lego e também a massinha. Eu gosto da argila também, né? Eu já mexi um pouquinho só com a argila. Acho que mexi – deixa eu lembrar – acho que no 1º ou 2º ano eu mexia com argila. E eu também mexia com, tipo daquela massinha... agora eu esqueci o nome, tipo, parecida com isopor, era uma massinha...

Marcelo: Ah! Eu sei! Como chama...eu adora aquela... ela é gostosa de pegar, né?

Isabela: EVA, não é EVA? Eu não sei...

Marcelo: Não, não é. Não: aquela que é uma borracha, tipo uma espuma...

Isabela: Não, não. É aquela massinha que você faz assim [faz o gesto de separar as mãos] e já desmancha. Eu esqueci agora o nome que era naquela época de *slime*, né?

Marcelo: De *slime*... eu acho que é plastilina o nome dessa.

Isabela: Não lembro agora.

Marcelo: Um dos nomes, é... não sei.

Isabela: Sim, mas era... eu também montei alguma coisa com aquilo, com PV – não, não era PVA. Agora eu esqueci, mas eu já montei acho que tudo o que está na lista de montar formas geométricas eu já montei tudo. Até com lápis eu montei uma pirâmide, né?Tive que montar um dia.

Marcelo: Uau!

Isabela: Com papel também, montar cubo pra minha aula...

Marcelo: E castelinho de areia na praia, por exemplo? Você fazia, ou faz?

Isabela: Minha vó até comprou pra mim um balde. Aquele balde com o kit completo, né. Com o caranguejo, tal. Só que eu sempre curti fazer isso, né, e aí eu pegava o castelo e levava pra praia, tal, colocava areia. E quando eu colocava assim, ele não... ele não ia, ele [faz gesto de tombo com as mãos, sorrindo]. Eu nunca vou... eu nunca... eu nunca consegui fazer um castelo, ele sempre quebrava. Não sei se é por causa da praia, mas sempre que eu colocava o castelinho na areia assim, ele [gesto de desmoronamento, com onomatopeia] assim, dentro, né? E aí ele destruía tudo. E aí eu comecei a usar o baldinho pra outras coisas, o balde de areia eu comecei a usar pra outras coisas. Eu levava o balde, mas eu não brincava com o balde. Eu levava o balde, eu pegava água do

mar com o balde pra depois lavar meu pé cheio de areia, pra entrar no carro. Então eu parei de usar o balde. Então agora eu não uso mais o balde [risos] depois da experiência que eu tive com a areia eu não gosto mais de montar castelo

Marcelo: Entendi. Pra você onde que é melhor fazer essas... por exemplo: pintar, construir formas. Onde é melhor: em casa ou na escola?

Isabela: Depende do número de pessoas pra mim, né? Como eu estou sozinha, eu penso que eu queria mil vezes estar na escola fazendo aquilo com as pessoas que são minhas amigas, tal. Mas não: quando eu estou com outras pessoas eu acho que está bom ali. Eu estou fazendo uma coisa legal e as pessoas estão vendo e reconhecendo que eu consigo fazer alguma coisa maneira. Então é o que eu acho, mas depende da situação do momento da minha vida: quando eu estou sozinha, quando eu estou com um monte de gente, né? Tipo as minhas primas que eu não vejo [há] bastante tempo. Então, às vezes, eu fico pensando: "nossa! agora eu queria estar com as minhas primas". Mas ao mesmo tempo eu não estou pensando na escola. Então depende do momento, né, depende só do momento mesmo que eu estou ali pensando. Tem as vezes que eu estou com um monte de gente que eu penso na escola também. Então depende bastante.

Marcelo: Tá. Agora eu vou pedir uma coisa difícil pra você. Pra você desenhar uma casa nesse papel [ela foi instruída antes da entrevista a ter uma papel e um objeto de escrita à mão].

Isabela: Ah, uma casa? [inaudível]

Marcelo: É, isso.

Isabela: Pode desenhar com caneta?

Marcelo: Com o que você quiser. Espera aí, eu já venho. Vai desenhando que eu já venho

[o entrevistador sai de frente da câmera]

[o entrevistador retorna à frente da câmera]

Cheguei

Isabela: Desculpa, eu estava sem lápis de cor e eu ia ter que levantar aqui na sala, aqui da cadeira, pra pegar lápis de cor. Meu quarto está sendo utilizado no momento, né? E aí eu não pude pegar lápis de cor e aí eu fiz com preto mesmo.

Marcelo: Pode ser.

Isabela: Acho que é a casinha mais simples. Tipo [exibe o papel com o desenho da casinha à câmera]. Essa casa, eu sempre pensei nessa casa, assim, quando você falou "faz uma casa" eu falei "vou fazer essa casa". Essa casa me lembra bastante – acho que foi a primeira casa que eu fiz, foi a casa lá do... da Pepa Pig, que é igualzinha a essa, que ela é toda amarela, com aqui [aponta o telhado da casa] marrom. Então é a casa mais simples que eu consigo fazer. Eu lembro que teve uma aula de artes que tinha que falar pros pais desenharem uma casa. E aí o meu pai desenhou uma casa num relevo, tipo, toda... fez um relevo assim [demonstra com as mãos], botou a casa aqui em cima, tal. Ficou, tipo, bem arquitetônico, porque meu pai trabalha aí na FAU [Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP]. Ele não trabalha tipo professor de arquitetura, não; ele trabalha como funcionário. Aí, tal, sei que aí ficou, tipo, meio assim, eu não sei se ele quis mostrar "olha, eu trabalho na FAU, fiz um negócio bonito". Aí ele fez tipo um negócio assim [tenta demonstrar com as mãos] num relevo. Aí quando eu mostrei eu falei "olha, olha como ficou". Aí as pessoas mostraram essa casa que eu fiz agora, né, que os pais desenharam, tal. Aí teve a minha professora de Geografia desenhou a casa por dentro. Ela tipo fez aqui a casa, e fez todo o detalhe, tudo olhando assim de frente mesmo, né? Ficou super linda e aí o filho dela chegou, né, e mostrou assim pra todo mundo, e todo mundo fez assim, né [demonstra uma expressão facial usando os olhos] porque estava cheio de detalhe. Mas, assim, a experiência da casa que eu fiz é essa aqui. Eu sempre faço essa casa, não passo disso na casa. Teve até uma vez que eu tentei fazer uma casa só colocando os cômodos, tal, mas ficou muito feia e aí eu prefiro fazer essa casa aqui. Quando as pessoas falam "faz uma casa" eu falo "olha a casa que eu fiz, olha que bonita". E aí eu mostro pra elas essa casa aqui. Tive até uma vez que... tem gente que faz isso – deixa eu pegar aqui a caneta – tem gente que amplia a casa e faz tipo uma casa assim ó [exibe o desenho alterado]. Tem gente que amplia a casa e faz a casa assim, né? E eu não gosto deste tipo de casa porque eu acho que parece um celeiro, né?

Se você aumentar a porta eu acho que não fica muito uma casa, fica outra coisa e aí eu não faço desse jeito. Mas a minha casa era aquela ali, aquela casa plana, né, que não dá pra ver o lado. Aquilo que é o que eu chamo de casa quando eu desenho.

Marcelo: Parece um celeiro mesmo, você tem razão. Quando amplia assim, né, pro lado. Acho que essa casa que seu pai fez, que você falou, ela está em perspectiva, né?

Isabela: Humm...

Marcelo: Ela fica meio... parece que ela está meio inclinada assim, um pouco, né?

Isabela: Não, não, é tipo, não é nem de cima que foi pega a casa, não. Foi tipo aqui [demonstra usando a mão]: invés daqui, foi aqui [com as mãos], pegou a casa aqui, tipo lateral mesmo. Então...

Marcelo: Tipo assim ó: [mostrando um objeto cúbico] imagina que isso aqui é a casa; a sua você está mostrando aqui [aponta para uma face do cubo alinhado ortogonalmente à câmera], né?

Isabela: Isso.

Marcelo: A dele era mais ou menos daqui assim

[aponta para uma vista em perspectiva a 45°].

Isabela: É, isso.

Marcelo: Uau!

Isabela: Aí mostrou assim o papel e eu achei que não ficou legal, porque depois eu falei pra ele desenhar uma pesso... antes dele desenhar a casa eu falei: "pra mim ter certeza que você consegue desenhar uma coisa bonita, você vai desenhar uma pessoas, né? Aí ele desenhcou assim, aí eu tive... aí quando eu vi, eu olhei assim, né, e a minha mãe ela não tem muito tempo, né, não tem tempo pra... às vezes trabalhos. Então aí eu falei "eu fico com essa pessoa, [risos] que eu vou falar pra fazer logo esse desenho

porque eu quero que essa pessoa faça logo esse desenho. Não quero que eu pego uma nota ruim. Aí deu naquela casa.

Marcelo: Entendi. Agora tenho uma pergunta mais legal: se você... imagina o seguinte: se você pudesse ser qualquer pessoa ou qualquer coisa mesmo, qualquer, qualquer, no mundo, o quê ou quem você seria?

Isabela: Deixa eu ver... acho que essa pergunta... acho que vai ser uma resposta bem aleatória. O que... eu vou responder, tipo, de objeto, né. De objeto, tal, que eu gostaria de ser. se eu não fosse uma pessoa eu gostaria de ser... deixa eu ver aqui... se eu não fosse uma pessoa eu gostaria de ser um quadro! É: um quadro. Eu gostaria de ser um quadro. Não por ser artístico e nem nada. Ou na fotografia também, os dois valem. Não por ser artístico, nem nada, tal. Eu só seria um quadro ou uma fotografia porque todo mundo ia olhar e falar: "nossa! que coisa mais bonita!" E assim, falar assim: "nossa! que pintura bonita!" Então eu acho que eu gostaria de ser isso, né, para ficar no museu, para ficar numa exposição, para estar escrito o nome da exposição assim: "tã, tã, tã" e aí ter aquele... pra você comprar aquilo é vários cifrões assim, tem muito cifrões assim na hora de comprar. Então fala assim "nossa! que coisa bonita! Olha o preço! Nossa que coisa feia!" Tem gente que faz até isso, né? Porque quando você tá numa...tem gente que vai numa exposição e fala "nossa! que quadro bonito! Gostei dos traços" Aí vai olhar o preço assim e fala "nossa! que quadro feio" Então eu... eu... eu gosto desses tipos de quadro, nunca sai do lugar, sempre fica lá. E quando é comprado também não é jogado fora, não. Porque o pessoal fala "nossa! gastei muito dinheiro com isso aí e agora vai ficar aqui, ninguém mexe, ninguém pisca." Então eu queria ser um quadro humano... fotografia, acho que... é o que eu queria ser se eu não fosse uma pessoa.

Marcelo: Esse seu quadro seria um retrato assim, uma pintura de um rosto de uma pessoa ou seria uma tipo uma pintura abstrata, ou tanto faz para você?

Isabela: Não. Seria tipo pegar o quadro e a fotografia... aqui na minha casa eu tenho um quadro que é parecido com aqueles dos dois peixes do Romero Britto; é um peixe aqui se encontra com outro aqui [mostra com as mãos], cheio de desen... cheio de cor, tal. Eu queria ser ele. Se eu fosse uma... um quadro, tal, eu queria ser ele, porque eu acho ele legal, assim, né? Como aparece só um o olho do peixe e o outro olho do peixe eu

sempre falei que era uma pessoa escondida, porque só aparece um olho e o outro olho; então eu acredito que eu conseguiria ver tudo, mas ao mesmo tempo vesga, né, que um olho está olhando pra cá e o outro está olhando pra lá. Mas eu ia ver tudo, né, então eu, eu queria ser esse tipo de quadro, né? Agora a fotografia, se fosse uma fotografia eu queria ser aquele tipo de fotografia que mostra aquela... uma paisagem em preto-e-branco. Eu acho que aquela paisagem, tipo assim, tem um prédio tudo em preto-e-branco, aí tem uma bicicleta com flores, tudo preto-e-branco, uma fotografia preta-e-branca. Um prédio assim preto-e-branco, com uma bicicleta, com o negócio assim na cestinha cheio de flor, tal. Aquelas pinturas que as pessoas fazem na mão mesmo. Eu acho que é uma pintura... uma pintura não: uma fotografia, né, que as pessoas deixam em preto-e-branco, e tem gente que até tira em preto e branco mesmo, naquela época lá de 1960. Tem gente que até deixa mesmo, não coloca um computador. Eu queria ser basicamente aquele tipo de fotografia. que eu acho bonita aquelas partes todo em preto-e-branco, tal. Cor de década mesmo, né, da década de 60, assim.

Marcelo: Eu também acho lindo de verdade. Às vezes eu... às vezes eu tiro uma foto e eu acho que ela em preto-e-branco fica mais bonito do que colorido, sabe? E agora imaginando então que você é esse quadro, esse quadro colorido, qual é o brinquedo que esse quadro mais gosta? O quadro tem vida, né?

Isabela: Ah! Um brinquedo que o quadro mais gosta... se fosse um quadro acho que o brinquedo que ele mais gostaria, se fosse... for assim... não, não é exatamente um brinquedo, mas para aqueles jovens artistas lá de artes, tal [inaudível], acho que é meio isso, né, que é um brinquedo entre aspas assim para eles, né, que é o pincel. Eu acho que o objeto – na verdade o nome melhor é objeto – um objeto para o meu quadro seria o pincel, porque sem o pincel não existiria o quadro. Então eu acho que o brinquedo favorito desse quadro seria o pincel. Agora, se fosse tocar mais em fotografia, eu acho que o brinquedo da fotografia seria a câmera, né, o objeto, mais assim de captura que ia ser a câmera, porque sem a câmera não haveria fotografia. Dependendo da câmera também não tem o porquê, seria tudo câmera. Assim, a câmera ali, a nova, a câmera do celular, a câmera aquela grandona, aquelas dos anos de 1930. Eu acho que qualquer tipo de câmera é o brinquedo, né, favorito do... da fotografia.

Marcelo: Entendi. E qual é a brincadeira que esse quadro, essa fotografia, mais

gostariam?

Isabela: A brincadeira seria a pintura; pro quadro seria pintura e para fotografia seria o desenho, porque tem gente que desenha uma coisa. tal. em preto-e-branco também ou em colorido e esse desenho acaba virando uma fotografia. Porque ao mesmo tempo a pessoa pode tirar uma foto daquele desenho, ou escanear, e ao mesmo tempo, se for um desenho bem realístico, acaba virando uma fotografia. Então acho que o desenho é pra fotografia, a brincadeira favorita da fotografia e a pintura para obra.

Marcelo: Gostei. E esse quadro ou essa pintura, você acha que ela prefere jogos individuais ou em dupla? Ou grupo?

Isabela: Bom, se depender de uma pintura, com certeza individualmente, porque eu não conseguiria fazer uma pintura em dupla, eu não consigo mesmo. Eu começo ali, eu estou fazendo, por exemplo, uma casa. Eu estou fazendo uma casa aqui, eu começo a fazer uma casa aqui, mas a mesma... aí a outra pessoa ao mesmo tempo começa fazer uma linha aqui. Então fica meio estranho. Então da obra seria brincadeira particular e da fotografia também, né? Você está lá com a câmera assim e aí a outra "não, bota aqui; não bota aqui" [gesticula com as mãos]. Então eu acho que seria, em todos, em particular. Eu também sou uma pessoa que eu também gosto de fazer as coisas particularmente, em particular.

Marcelo: Entendi. E esse quadro ou essa foto, essa obra ou essa foto iam gostar mais desse jogos ou brincadeiras, ou qualquer coisa assim, presenciais ou online?

Isabela: Com certeza presencial a obra, né? Você precisa estar presencialmente para pintá-la. E a fotografia que é um lugar, uma paisagem, que você tem que estar presencialmente para fotografá-la. Então acredito que seja isso.

Marcelo: Também acho. Concordo com você. E como você acha que – agora vai ser uma pergunta complicada – como você acha que a pintura mais gasta o tempo dela? E a fotografia também.

Isabela: A pintura mais gasta o tempo dela se admirando. Não, não se admirando, mas vendo as pessoas admirá-la, porque a pintura sempre vai ser uma pintura bonita –

independente da pintura, a pessoa que pintou aquilo, que fez aquilo, tal, acha que aquilo é bonito, ela acredita que aquilo seja bonito. Então o que a pintura mais gosta de fazer seria ver as pessoas admirá-la, e a fotografia também igualmente: ver as pessoas admirar fotografias. Quando você vê uma fotografia bonita, quando... ao mesmo tempo, quando você vê uma fotografia feia, tem gente que acha bonito. Então todas teriam isso mesmo para passar tempo, digamos assim, seria de ver as pessoas admirá-las, uma coisa assim.

Marcelo: Você... eu tenho uma pergunta... eu gostei muito da sua ideia de ser uma pintura ou ser uma fotografia, eu estou pensando aqui. Você acredita que essa pintura, por exemplo, ela mesma se criou, ela mesmo se pintou, ou ela foi pintada, foi criada por outra pessoa?

Isabela: Ela foi pintada por outra pessoa ou, que é... fotografada por outra pessoa. Porque uma pintura pode ser também uma paisagem, uma fotografia é uma paisagem, ou uma uma pessoa também. Mas não vai se fotografar sozinha, é meio estranho um quadro ter braço para se fotografar, para se pintar. Então, é meio estranho. Então acredito que seja uma pessoa mesmo.

Marcelo: Seria uma coisa meio assim, imagina: [pegando um pincel e fazendo o movimento que descreve] sai... eu sou o quadro, né, aí sai o meu bracinho e começa a fazer [pincela o próprio rosto com o pincel].

Isabela: É, fica meio estranho.

Marcelo: Concordo. Então me diz uma coisa: por acaso esse quadro ou essa fotografia sabem fazer algumas dessas coisas [mostra a mesma cartela anterior com os dizeres: "desenhar, pintar, construir formas, contar histórias"].

Isabela: Só mesmo o quadro. Porque a fotografia não, a fotografia não tem nada daí, a fotografia tem. Na realidade a fotografia tem, sim. A fotografia tem e o quadro, só um. O quadro é construir formas, porque qualquer quadro vai ter um tipo de uma forma diferente; então acredito que o quadro constrói a própria forma dele. E uma fotografia ela conta história, mesmo sendo uma paisagem que você fotografa, aquela paisagem vai contar uma história. Por exemplo, deixa eu ver se tem uma de exemplo aqui. Ah é, eu

tenho. Qualquer foto tirada sempre vai ser uma história. Deixa eu ver aqui. Essa foto [exibe uma foto no celular] é de um monte de passarinho, né, no céu, que eu tirei, tal. E não adianta só mostrar essa foto falar: "olha, que foto legal, que foto maneira". Não, essa foto vai contar uma história. Eu vou chegar e falar: "essa foto eu tirei no dia 30 de maio", "essa foto foi quando eu estava passeando", "essa foto é disso". Então eu acredito que a foto conta uma história, a fotografia, ela sempre vai contar uma história. Mas a pintura não. A pintura, a única coisa que vai fazer, vai ser construir formas. Cada forma – na minha opinião – cada forma constitui uma pintura. Então é o que eu acredito sobre o que as duas podem fazer.

Marcelo: Entendi. Eu tenho uma última pergunta que essa sua coisa me fez pensar. Qual é a coisa mais legal, mais legal, que a pintura sabe fazer? (E a foto)

Isabela: A pintura: a coisa mais legal que uma pintura pode fazer é ser bonita, porque para as pessoas admirar uma pintura, para as pessoas olharem ela, ela precisa ser uma pintura bonita. Então acredito que o outro passatempo da pintura seja ser bonita, né? Uma coisa, o que que elas podem fazer é ser bonita. A fotografia: a fotografia também, porque tem que ser uma fotografia bonita para as pessoas falarem: "oh, que bonita" e tal. Então eu acredito que a fotografia tem que ser bonita e também que conte uma história legal do lugar que está sendo passado aquela imagem, aquela paisagem.

Marcelo: E o que é ser uma pintura ou uma fotografia bonita?

Isabela: É ser... como eu posso falar? É ser uma pessoa elogiada – uma pessoa, né, elogiada, né? É ser um objeto elogiado. Ser bonito, uma pintura ser bonita e uma fotografia ser bonita é ser alguma coisa elogiada, por que vão elogiar... e podem até falar mal, mas ao mesmo tempo falam: "ah, é bonito" e tal. Então, ser uma fotografia bonita é ser elogiado e contar uma história bonita também, né? Constituir uma história, construir uma história. Acho que é isso.

Marcelo: Gostei. "Construir uma história bonita", eu achei legal. "Construir uma história"; é bem bonito isso que você falou. Isa, você é muito inteligente gostei muito de fazer entrevista com você, estou impressionado, assim, com o seu raciocínio, com a sua clareza, sabe? Você sabe o que está falando; mesmo que você não sabe, você investiga, você tem esse hábito de pensar, né? Dá para perceber isso que você... você treina a sua a

sua mente, como você falou e é incrível a sua... as suas... na verdade às vezes parecem perguntas simples mas são perguntas muito complicadas, muitas vezes, né? Como assim? O que que uma pintura faz, né? E você é impressionante, assim. Eu fiquei muito muito feliz de ter essa oportunidade com você porque é sempre muito legal conhecer pessoas e principalmente pessoas legais e pessoas inteligentes, né? Eu prefiro. Então eu quero agradecer muito, estou muito feliz!